

GES
PCP



G

O camponês

ÓRGÃO DOS CAMPONESES DE PORTUGAL

A LUTA FIRME DOS CAMPONESES VENCE O DESEMPREGO

"A FOME É QUE NÃO MORREMOS!"

Passado o curto período da azeltona de novo aumenta o desemprego no Alentejo. Dezenas de milhares de camponeses, dispendo dos seus braços para ganharem o pão de cada dia, não encontram quem alugue a sua força de trabalho e sotrem as mais terríveis privações.

As graves crises de trabalho do Alentejo têm sido objecto de muitos discursos dos dirigentes fascistas, que não se cansam de fazer promessas, mas a continuação e o agravamento dessas crises provam bem o desprezo do governo pela resolução dos problemas dos trabalhadores rurais.

Naturalmente que tais crises seriam diminuídas (bem como o desemprego que reina no campo em muitas outras regiões) se o governo dispendesse verbas para as obras que tão necessárias são em todas as aldeias e mesmo nas vilas e cidades. Mas os fascistas estão mais interessados em gastar o dinheiro sujado ao povo nos criminosos preparativos de guerra.

A resolução de tais crises só será encontrada com a instauração no nosso país de um regime democrático que leve a cabo a REFORMA AGRÁRIA que já a terra a quem trabalha e desenvolva a agricultura.

Porém muitas vitórias poderão os trabalhadores rurais obter mesmo no regime salazarista. Os exemplos de lutas anteriores e recentes provam completamente que é possível vencer o desemprego, que é possível conquistar Pão ou Trabalho.

Os camponeses conquistam trabalho

Em PIAS, no dia 20 de Outubro, 150 camponeses desempregados concentraram-se na Casa do Povo e falaram ao Presidente que imediatamente telefonou para a Câmara de Serpa. Nos dias seguintes voltaram a concentrar-se na Casa do Povo de modo que no dia 22 foram trabalhar 30 homens e no dia 23 o agrário Varela metia mais 40. Para este trabalho apareceram porém 104 trabalhadores que declaram, todos unidos, que «se não trabalhassem todos não trabalhava nenhum». A sua unidade e firmeza obrigou o feitor a aceitá-los todos.

Em MONTEMOR-O-NOVO, em 25 de Outubro, 34 camponeses desempregados concentraram-se na Câmara e dois foram falar ao Presidente. Nesse mesmo dia foram empregados 8 homens e no dia 28 mais 10. No dia 2 de Novembro abordaram novamente o Presidente na rua e apesar dos protestos dele conseguiram que fossem empregados mais 32 camponeses.

Em SERPA e VALE DE VARGO também os camponeses se concentraram respectivamente na Câmara e na Junta de Freguesia. Desse modo obrigaram as autoridades locais a mexerem-se para resolver o problema do desemprego mas a falta de firmeza dos camponeses em insistir nas suas reclamações fez com que a resposta das autoridades fosse sendo adiada e o desemprego continuou.

Em ALPIARÇA, em Setembro, muitos camponeses desempregados concentraram-se na Câmara para pedir trabalho. O Presidente respondeu que se quizessem trabalho era até um dever irem para a Índia. Os trabalhadores, porém, continuaram firmemente a exigir trabalho tendo o conseguido para todos.

Unidos venceremos

Éstes exemplos provam bem o que dizia o nº 45 do nosso jornal. SÓ A NOSSA UNIDADE E A NOSSA ACCÃO NOS PERMITEM CONQUISTAR PÃO OU TRABALHO. NÃO NOS DEIXEMOS ILUDIR COM AS MANOBRAS DOS AGRÁRIOS E AUTORIDADES.

Estes exemplos são também uma concretização da justa orientação traçada nesse número de «O Cam-

ponês».

Juntemo-nos em todo o lado e discutamos a nossa situação de desemprego. Elejamos amplas Comissões para organizar e orientar a nossa luta. Façamos concentrações nas Praças de Jornas e dai partamos para os herdades dos agrários e exigir trabalho. E concentremo-nos também nas Casas do Povo, Juntas de Freguesia, Câmaras Municipais e outras autoridades e não arredemos pé até conseguirmos TRABALHO OU PÃO. Sempre bem unidos, com as Comissões de Unidade á cabeça e apoiadas por todos nós, venceremos o desemprego. Se ante todas as nossas reclamações não nos derem TRABALHO OU PÃO então destruidemos as negras bandeiras da fome, organizemo caçadas nas herdades dos agrários e vamos buscar o Pão onde e houver.

OS IMPERIALISTAS PREPARAM A GUERRA! LUTEMOS PELA PAZ NA EUROPA E NO MUNDO!

Durante este ano as Forças da Paz obtiveram grandes vitórias. Em primeiro lugar a Conferência de Berlim levantou de novo o espírito da negociação, o qual teve um grande êxito na histórica Conferência de Genebra onde foi liquidada a guerra da Indochina. Mais tarde a Comunidade Europeia de Defesa (CED) e o seu Exército Europeu encontraram o seu fim ante a luta dos povos pelo desanuviamento Internacional. Nas bases das vitórias da Paz encontramos sempre a justa política de Paz da União Soviética, bem como da China Popular e das demais Democracias Populares.

Mas os imperialistas, que vêm na guerra a fonte dos seus lucros máximos e que julgam que ela poderá minar o poderoso e invencível campo da Paz e da Democracia, não desarmam.

Agora eles empenham-se por meio dos chamados acordos de Londres e Paris em conseguir o objectivo fundamental da CED — o rearmamento da Alemanha Ocidental.

A criação dum exército alemão, no comando do qual são colocados os antigos generais nazis, criminosos de guerra, é um pas-

so para a guerra que contam em si muito graves perigos. Só a mentira, a propaganda caluniosa, a deturpação dos factos pode levar pessoas simples a não verem os perigos que a Europa e todo o Mundo correm.

Dentro da sua justa política de Paz a União Soviética convidou os países europeus para numa reunião, que se realizou em Moscovo, para ali discutirem a garantia da Paz e da segurança da Europa. Os governos que sofrem a influência imperialista entre os quais o governo de Salazar que apola e serve os preparativos de guerra recusaram-se a seguir essa política de Paz. Os 8 países que assistiram á reunião denunciaram os tremendos perigos da ratificação do acordo de Paris, frisaram a importância do estabelecimento dum Tratado de Segurança Europeia e declararam que se aquele acordo fosse aprovado não só se tornavam inúteis próximas conversações como seriam obrigados a tomar medidas contra-meidas para a sua segurança.

Durante o mês de Novembro igualmente se reuniu, em Estocolmo, o Conselho Mundial da Paz que salientou a importância da luta contra a ratificação do acordo de Paris e por um tratado que assegure a Paz a todos os países da Europa. Também foi discutida a intromissão dos Estados Unidos nos assuntos internos dos outros países americanos e apontada a grave e infame acção contra a soberania da Guatemala. Finalmente foi decidido convocar para Maio de 1955 uma ampla Assembleia dos Povos.

Os graves perigos resultantes do rearmamento da Alemanha Ocidental, a luta das Forças da Paz contra esse rearmamento, a acção do Conselho Mundial da Paz e a convocação da Assembleia dos Povos não deixam indiferentes os camponeses portugueses.

Recentemente criaram-se em algumas terras do Alentejo Comissões de Paz onde os camponeses têm larga representação. Esse exemplo deve ser seguido por todo o lado.

Tais Comissões devem esclarecer toda a gente sobre os perigos de guerra e levar a efeito acções de Paz. Além dos problemas relativos á situação criada pelo salazarismo nas colónias da Índia, as Comissões de Paz e todos os partidários da Paz devem em reuniões pequenas e grandes, em passeios ou festas de Paz, apresentar moções para serem aprovadas pelos presentes, moções que condenem o rearmamento alemão e apoiem um tratado de segurança europeia, devem recolher assinaturas para o texto do Movimento Nacional da Paz que reclama a negociação, devem popularizar a realização da Assembleia dos Povos e tudo fazer para que os camponeses portugueses (como todo o nosso povo) façam al ouvir á sua voz.

A UNIDADE dos camponeses partidários da Paz e a sua ACCÃO CONSTANTE contribuirá para que a PAZ VENÇA A GUERRA.

FORCEMOS O GOVERNO Á NEGOCIAÇÃO NA ÍNDIA!

Porque o nosso povo não apóia nem se deixou enganar pela demagogia de falso patriotismo do governo de Salazar em relação ao problema das colónias portuguesas da Índia, este viu-se obrigado a recuar nas suas «manifestações» e propaganda de guerra. Isto porém não significa, de modo algum, que os perigos para o nosso povo tenham diminuído. Nada disso. Os milhares de soldados portugueses continuam na Índia, a postos para sobrevirem os intentos do fascismo. A mobilização de novas classes e seu provável envio para fora ameaça novos lares portugueses. O dinheiro do povo continua a ser desbaratado em despesas de guerra. A repressão contra todos que levantam a bandeira da Paz prossegue e intensifica-se.

No seu último discurso, Salazar afirmou não estar disposto a dar qualquer liberdade aos povos coloniais da Índia e que não hesitará em seguir o caminho da guerra, em sacrificar as vidas portuguesas para manter o seu domínio nesses territórios. Mas esta intenção do chefe fascista, que tantos perigos comportam, só serão levadas a cabo se o nosso povo o consentir. Se todos nos unirmos e erguermos bem alto a bandeira da Negociação, Salazar ver-se-á obrigado a recuar.

LIBERDADE PARA RUI LUIS GOMES E SEUS COMPANHEIROS

O destacado democrata, membro do Conselho Mundial da Paz, Prof. Doutor Rui Luis

Gomes, bem como os conhecidos patriotas Engº Virginia Moura, Dr. José Mergado e Operário Albertino Macedo continuam nas cadeias fascistas pelo único «crime» de defenderem os anseios das amplas massas do povo. O fascismo pretende julgá-los e condená-los a longas penas na vã tentativa de fazer calar a sua voz — a voz do povo.

Todos os trabalhadores e partidários da Paz se unem para impedir êsses vis maneios. Por todos o país se ergue á palavra de ordem: «LIBERDADE PARA RUI LUIS GOMES E SEUS COMPANHEIROS!»

Popularizemos, por meio de tarjetas e inscrições, por todo o lado, essa palavra de ordem. Escrevamos, todos nós, cartas de protesto ao ministro do Interior e outras autoridades. Recolhamos assinaturas exigindo a libertação desses patriotas. Criemos um movimento capaz de fazer recuar o fascismo nos seus intentos.

REGRESSO DOS SOLDADOS DA ÍNDIA

As cartas escritas pelos jovens portugueses obrigados a irem para a Índia põem a nu a violenta pressão fascista em Goa, a terrível vida imposta aos soldados (e a toda a população) que sofrem a fome, não têm alojamentos e correm o risco de perder a vida para que continue a opressão aos povos dessas colónias que, como o nosso povo, lutam pela sua libertação do jugo salazarista.

As famílias desses soldados sofrem a sua ausência e estão sujeitas a sofrer o luto, como sucede já com algumas. Muitas mais famílias poderão amanhã sofrer o mesmo. Lutemos pelo regresso dos soldados da Índia. Lutemos para que nenhum soldado vá para lá.

Recentemente em PIAS, quando da partida de 5 soldados para a Índia, centenas de pessoas acompanharam-nos á estação e fizeram uma grande manifestação pela Paz na Índia. E precisou que o povo de PIAS não descesse enquanto não regressem esses soldados. Que em todas as terras se formem Comissões e se faça abaixo-assinados que exijam junto das autoridades locais o regresso dos soldados. Os jovens que estão na Índia esperam a nossa solidariedade. Ela não consiste no envio de dadas ou prendas mas na conquista do seu regresso.

PAZ NA ÍNDIA PELA NEGOCIAÇÃO

Para isso importa, ante de tudo, que todos nós não nos cansemos de esclarecer e de explicar o que se passa na Índia e os perigos que todos corremos. Importa, depois, que organizemos os camponeses mais activos em Comissões de Paz. Recolhendo assinaturas, aprovando moções, fazendo concentrações, etc., mobilizemos as massas para pequenas e grandes acções que tenham como objectivo: A Paz na Índia Pela Negociação.



Carta dos camponeses

O ASSASSINATO DE CATARINA EUFEMIA

Vou contar-vos como o fascismo assassinou a nossa querida CATARINA EUFEMIA.

Os camponeses de Baloizão, cansados de serem explorados pelos grandes ariantes e de passarem fome e miséria, decidiram, como em anos anteriores, unirem-se e lutarem por melhores jornas nas colheitas.

Logo que começou a ceita das favas conseguimos 30\$00 (homens) e 20\$00 (mulheres) mas como os ariantes não quizessem pagar mais decidimos entrar em greve.

Passado dias o agrário Dr. Fernando Nunes trouxe para a sua herdade dos Olivais um rancho de Penedo Gordo a quem pagava 18\$00 (homens) e 12\$00 (mulheres). Então juntamo-nos uns 500 camponeses e fomos falar a esse rancho dizendo-lhe porque lutávamos e exortando-o a unidade. Em virtude das nossas palavras eles decidiram abandonar o trabalho, mas a GNR, pouco depois, obrigou-os a trabalhar por aquela jorna de miséria.

Quando soubermos disto o povo todo concentrou-se (mais de 1.500 pessoas) para voltar a falar ao rancho. Nessa altura passava pela estrada uma camioneta com 40 guardas da PSP que iam para Moura. Decidiram parar, saltar para a estrada, armar baloiças e dispersar o povo. Este porém não se intimidou e gritando em altas vozes: «Temos fome!» «Queremos falar em Paz com as pessoas de Penedo Gordo!», avançando sempre obrigando os polícias a meterem-se na camioneta e fugirem.

Entretanto o feitor do agrário fora a Beja avisou-o de que se passava e este veio à propriedade trazendo a GNR de Beja comandada pelo tenente Carrajola.

O povo avançou para a herdade mas a GNR, com as armas apontadas, não permitia que se aproximasse. Forçados pela insistência os guardas deixaram passar um grupo de 15 mulheres. Todas elas iam felizes, cheias de confiança na justiça da sua acção. Por detrás um molhe de lavas estava porém esse tenente miserável que imediatamente fez u na raja ia para o ar.

As camponesas, admiradas, mas cheias de razão nos seus objectivos avançaram de mãos no ar aproximando-se do agrário.

CATARINA EUFEMIA na nesse grupo de mulheres. Camponesa desta jeza, estava sempre à frente das suas companheiras na luta pelas suas reivindicações. Mãe de 3 crianças e grávida da outra sentia bem a fome que passava e ainda mais, a que passavam os seus filhos. Quando CATARINA EUFEMIA, a frente do grupo, se aproximava para falar ao rancho, algumas companheiras disseram-lhe: «Catarina, tu não devias de ir aqui pois o teu marido é funcionario no Estado e sempre tens uma vida melhor do que nós». (referiam-se ao facto do marido ser cantoneiro e não sofrer o terrível desemprego habitual dos trabalhadores rurais). CATARINA EUFEMIA, sempre avançando, respondeu: «Olhem, eu não luto só por mim, mas por nós todas».

Era assim a nossa querida companheira. Foi ela que mais se aproximou do lado onde se encontrava o assassino. Este disse-lhe: «O que queres, bruta?» e Catarina respondeu-lhe, com o seu filho mais novo nos braços: «O que eu quero é pão para matar a fome dos meus filhos!» e o canalha, em resposta, deu-lhe três tiros que lhe tiraram a vida imediatamente.

As outras 14 camponesas estavam junto do agrário e o assassino, gritando para este, dizia-lhe fugisse pois queria as matar também. E ainda fez mais uma rajada que só por não querer atingir o agrário não atingiu as camponesas.

Estas gritaram: «Ah bandido, que mataste a mulher», mas o povo, que se encontrava afastado, não se convenceu que se assassinasse assim uma camponesa e pensou que ela tivesse desmatado pois o corpo fora imediatamente levado no automóvel do agrário para Beja.

Só à tarde se soube que de facto CATARINA EUFEMIA estava morta. O povo, então de luto e desesperado por tão vil crime, encheu novamente as ruas clamando: «Bandidos!» «Assassinos!» «Canalhas!» «Criminosos!» «Temos fome!» «Queremos Pão», etc.

No dia seguinte, mais de 2.000 pessoas de Baloizão, todas de luto, marcharam para Beja onde se juntaram a mais de 1.500 pes-



CATARINA EUFEMIA BALEIZÃO, camponesa, natural de Baloizão, filha de José Baloizão e de Maria Eufémia, camponesa. Casada e mãe de uma filha de 7 anos e de dois filhos, um de 4 anos e outro de 8 meses. Assassinada no dia 19 de Maio de 1954, pelas 11 horas, aos 29 anos de idade e grávida de um quarto filho, pelo tenente da G. N. R. de Beja Carrajola.

soas da cidade. Elas queriam todas levar o corpo da desventurada camponesa para a sua terra. O funeral marcado para as 10 horas foi adiado para as 12 e 14 mas só às 16 horas, do quintal do Hospital de Beja saiu de repente um automóvel em direcção a Lisboa.

Assim negavam ao povo a sua última homenagem a quem tão bem o representava e defendia. E ainda por cima a GNR e a PSP lançam-se à pancada ao povo. Este corre, porém, a uns pedaços de tijolos que havia perto e resistiu, valentemente, à agressão agarrando os guardas e vingando nele o ódio sagrado que lhe ia na alma. Depois toda a gente se retirou e só à noite se soube que a nossa querida CATARINA EUFEMIA estava desde esse dia não já à frente das camponesas e camponesas a ajudá-las e a cuidar-las, mas, com o seu corpo frio, debaixo da terra, no local onde residia — Quintos.

Nunca o povo de Baloizão sentiu uma dor tão funda como a causada pelo assassinio desta boa camponesa cuja abnegação e heroísmo serão sempre um exemplo para todos nós. Nunca o povo de Baloizão (e com certeza todo o nosso povo) esquecerá e perdoará ao fascismo este seu crime nem ao autor, o miserável e criminoso tenente Carrajola.

(Resumo dum livro a carta exposto os acontecimentos passados em Baloizão em Maio).

PARA A CONQUISTA DAS SUAS REIVINDICAÇÕES OS CAMPONESES RECORREM À GREVE

Segundo a orientação traçada no nosso jornal os camponeses unem-se para conquistarem melhores jornas na «azeitona».

Em VALE DE VARGO os camponeses e camponesas lutaram por melhores jornas e conseguiram, logo no começo, para os homens 20\$00 e para as mulheres 12\$00 e 15\$00. Depois os camponeses estreitaram a sua unidade e decidiram lutar por 25\$00 (homens) e 18\$00 (mulheres). Como os ariantes não quizessem pagar estas jornas, os camponeses decidiram recusar o trabalho e estão presentemente em greve. No ano passado as jornas, de começo, tinham sido de 14\$00 e 15\$00 (homens) e 7\$00 e 8\$00 (mulheres).

Em Pias os ariantes procuram levar os trabalhadores de empreitada mas todos os camponeses recusaram aceitar emp. etc. e reclamam 25\$00 (homens) e 18\$00 (mulheres) tendo entrado em greve para conquistar estas jornas. Igualmente em Pias num rancho que ripava azeitona numa herdade do agrário João Varela, como, por falta de homens, as mulheres é que estivessem a mudar as escadas, todas as camponesas do rancho se uniram e recusaram trabalhar pelo que o agrário foi obrigado a meter mais homens.

Em Serra os trabalhadores rurais combinaram lutar por 20\$00 para os homens e 12\$00 para as mulheres.

Estas lutas provam bem como A UNIDADE É A GRANDE ARMA DOS TRABALHADORES, Unidos e organizados, com Comissões de Unidade a orientar as lutas, OS CAMPONESES CONSTITUEM UMA GRANDE FORÇA CAPAZ DE CONQUISTAR AS SUAS REIVINDICAÇÕES.

Também em Serra uma brigada de 12 camponeses que trabalhava nos celeiros da Federação se uniu para lutar contra as condições de trabalho que o gerente Castelhano queria impôr. Ele queria que a brigada (que transportava sacos de empreitada) fizesse o serviço do posto seleccionador sem qualquer remuneração. Como as suas reclamações não fossem atendidas, a brigada decidiu fazer greve e desse modo, sem se intimidar com as ameaças do gerente, conseguiu que a Federação arranjasse outro trabalhador para o posto seleccionador.

Que a terra pertença a quem a trabalha!

OS SOVIÉTICOS DOMINAM A NATUREZA

Na União Soviética levam-se a cabo grandes obras de modificação da natureza. Onde a natureza é madrastra, o homem procura, por métodos científicos, modificá-la e colocá-la ao seu serviço.

Foi o que aconteceu com o deserto de Karakum, situado na República Soviética da Turquemenia. Este deserto inútil ocupava uma grande área e as suas areias e os seus ventos secos prejudicavam as restantes terras férteis do país.

Atrás desse deserto existia uma montanha e por detrás dessa montanha corria um grande rio, o rio Amu-Daria, que ia lançar no

mar as suas águas. Os homens soviéticos, pondo ao serviço do trabalho pacífico o poder destruidor da bomba atómica, abriram uma grande brecha na montanha e por essa brecha, desviando-se do curso que há milénios trilhava, correu impetuoso o rio Amu-Daria e lançou-se nas sequiosas areias do deserto de Karakum.

Depois de terem forçado o rio a mudar de rumo, os homens soviéticos esperavam-no do outro lado da montanha para o dominarem e dirigirem o seu novo curso. Construíram um grande canal através do deserto que já hoje tem de comprimento 110 km, e que dentro de

poucos anos ficará com 900 km, e nele subjugaram as águas do Amu-Daria. Para construir estes 110 km. de canal já foram removidos 56 milhões de metros cúbicos de terra.

Por este grande canal poderão navegar barcos, dele partirá um sistema de irrigação que regará todo o deserto de Karakum tornando-o desta maneira tão fértil como as outras terras da Turquemenia e ao longo dele construir-se-ão centrais eléctricas que produzirão electricidade suficiente para electrificar toda a extensa região do canal como ainda para abastecer outras áreas do país.

Na região onde foram construídos os 110 quilómetros do canal, as terras do deserto já foram irrigadas, cultivadas e semeadas e — tendo a dar esplanadas colheitas. Dentro de poucos anos, no que então existia o deserto e impio lugar desolado de Karakum, verá, com um tamanho igual a outras 5 vezes a superfície de Portugal, haver uma fértil e feliz região habitada pelo povo soviético, tendo dominado mais uma vez a natureza e tendo-a colocado ao seu serviço, para a bem-estar e inextinguível fonte de riqueza e bem-estar.

Quando o povo português tomar o poder em suas mãos resolverá também grandes problemas nacionais, entre eles o da rega do Alentejo e então os camponeses alentejanos transformarão as suas terras num jardim.

GRANDE VITÓRIA DOS RENDEIROS DA QUINTA DA TORRE E FERNÃO FERRO

Os rendeiros da Quinta da Torre e Fernão Ferro acabam de obter uma grande vitória torcendo o governo a fazer sair um decreto que impede os proprietários das terras de lhes aumentar as rendas ou expulsá-las.

Como o nosso jornal informou a primeira resposta do governo à exposição que lhe foi feita reclamando a defesa dos justos interesses dos rendeiros, foi enviar uma importante troca da GNR para os expulsar, a qual prendeu 17 camponesas da Quinta da Torre. O governo encontrou, porém, na sua frente. A UNIDADE E A LUTA FÉRME E PERSISTENTE dos rendeiros. Foram elas que impediram a expulsão, que arrancaram os camponeses da prisão e agora fizeram recuar o governo.

Entretanto a acção do governo não passa dumá manobra traiçoeira. Ao colocar as terras nas mãos da Junta de Colonização Interna para esta as vender aos rendeiros, o governo deixa-os na eminência de serem expulsos em qualquer altura visto que as condições estabelecidas no regime jurídico da colonização não dão nenhuma garantia. Ninguém vos garante que as colheitas serão boas e vos permitirão pagar as terras no prazo estabelecido pela Junta. Além disso aqueles rendeiros que não possam ou não quiseram comprar as terras estão na contingência de serem desde já expulsos, sendo as terras postas à venda.

Rendeiros da Quinta da Torre e Fernão Ferro!

Não vos deixeis iludir pelas manobras do governo ou da Junta de Colonização. Colocando-vos na situação de colonos, o governo quer fazer convosco o que faz com os colonos de Pegões e Vale de Cebolas ou com os camponeses de Montalagre.

Não permitis que vos obriguem, seja por que motivo for, abandonar as terras que foram trabalhadas pelos vossos pais e avós e hoje continuam a ser regadas com o mesmo suor. Essas terras, que valorizastes com o vosso

trabalho e os vossos sacrifícios já estão pagas e mais que pagas. Tendes todo o direito a elas.

A vossa luta não parou. Estrela! ainda mais a vossa UNIDADE e continua a vossa LUTA fazendo concentrações junto das Câmaras Municipais e governador civil e enviando exposições ao governo a exigir que nenhum rendeiro seja expulso das suas terras ou obrigado a comprá-las.

Foi a vossa luta unida e firme que fez recuar os proprietários e o governo. A continuação dessa luta desmascarará a manobra do governo e impedirá a de ir por diante.

A JUNTA DE COLONIZAÇÃO INTERNA EXPULSA COLONOS DE PEGÕES E VALE DE CEBOLAS

Informámos no último número que a Junta de Colonização Interna se apoderou das terras de muitos camponeses de Montalagre. Agora sabemos que a mesma Junta expulsou arbitrariamente alguns colonos de Pegões e Vale de Cebolas.

No fim de 1953, dentro das condições contratadas com os colonos, a Junta emprestou-lhes dinheiro para o arranjo das terras, para ser pago em 10 anos. Agora, de repente, resolveu exigir o seu pagamento no fim das colheitas deste ano. Como, em virtude da terra ser muito pobre, e apesar do intenso trabalho dos colonos, as colheitas não foram boas, estes não podem fazer tal pagamento. Para não serem expulsos muitos endividaram-se até onde lhes foi possível mas pelo menos 13 colonos, impossibilitados de pagar o que não deviam, foram arbitrariamente expulsos.

Colonos de Pegões e Vale de Cebolas! Se unido-vos conseguireis que a Junta recue nas suas canalhices. Todos juntos elegel uma Comissão vossa para exigir da Junta o cumprimento do que foi estabelecido e a volta dos colonos expulsos. Se o não fizerdes, amanhã, seréis também expulsos, depois de terdes valorizado a terra que vos foi distribuída

DATAS DO POVO

Os camponeses não esqueceram a histórica data do 5 de Outubro — vitória democrática no nosso país. Em algumas terras foram lançados foguetes e salientado o significado do aniversário que passava.

Também o dia 1 de Dezembro foi comemorado, pois é o aniversário da libertação da Portugal do jugo estrangeiro.

O fascismo quer apagar da história a data do 31 de Janeiro, a tentativa malsucedida para a eliminação do regime de podúo e de subserviência aos imperialistas que reinava em 1261.

Comemoramos os dados do povo unindo mais e mais as massas camponesas na luta pelos seus interesses.

CAMPONESES E CAMPONESAS!

Organizai Comissões de Defensores da Paz em todas as aldeias e ranchos e lutai todos juntos pelo regresso imediato dos soldados que foram para a Itália e pela negociação com os Estados, como forma de levar a guerra!

Assinala todos o Apelo para a negociação e contra as persguições e prisões mandadas fazer pelo governo de Salazar contra os portugueses que querem a Paz!

Pão ou Trabalho!